
Álvaro Manuel Machado

Do Romantismo Aos Romantismos Em Portugal

Ensaio de tipologia comparativista

EDITORIAL  PRESENÇA

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	7
INTRODUÇÃO	9

I — DO PRÉ-ROMANTISMO À GERAÇÃO DE 70

A Revolução Francesa e o enciclopedismo na formação do romantismo em Portugal	17
Herculano, ou o espírito do tempo	25
Herculano – um teórico da literatura	28
Camilo e a crítica ao romantismo: modelos nacionais e estrangeiros	30
A Geração de 70: uma <i>literatura de exílio</i>	38
A imagem da Inglaterra no Portugal finissecular da Geração de 70	45
A imagem da Espanha na Geração de 70	52
Antero e Baudelaire: variações comparativistas sobre «satanismo»	63
Antero e os modelos literários do romantismo europeu	70
Teófilo Braga ou o romantismo ideológico	81
Sintra romântica e o dandismo baudelairiano em Eça de Queirós	84
Mitologia do Norte e mitologia do Sul n' <i>Os Maias</i> de Eça de Queirós	89
A música em Eça de Queirós: modelos literários e referências culturais	96
Eça, Proust e o imaginário finissecular	103
Gomes Leal, Baudelaire e o pós-romantismo finissecular	109

II — PÓS-ROMANTISMO, MODERNISMO E MODERNIDADE

Fernando Pessoa, Victor Hugo e o pós-romantismo em Portugal	129
Raul Brandão e a escrita memorialística pós-romântica	135
Herança romântica e herança modernista na poesia portuguesa contemporânea	140

III — AGUSTINA BESSA-LUÍS: NEO-ROMANTISMO E PÓS-MODERNIDADE

Agustina Bessa-Luís – da herança romântica a Marguerite Yourcenar	149
Agustina Bessa-Luís e a arte do conto entre o século XIX e o século XX	156
Agustina Bessa-Luís e o imaginário histórico-político	160
Agustina Bessa-Luís e a herança romântica finissecular	167

INTRODUÇÃO

PORTUGAL – QUE ROMANTISMO?*

Proporcionar um avanço da investigação científica devidamente sistemática num domínio tão vasto e acidentado como o da história do romantismo em Portugal, implica já escolher métodos precisos de investigação, métodos esses libertos da mera perspectiva historicista, mesmo aquela que inclui o estudo da história das ideias. Implica, à partida, fazer a pergunta: *Que romantismo? E em relação a quê?*

Neste sentido, a Literatura Comparada, incluindo uma sistematização teórica actualizada e incidindo muito particularmente no estudo da recepção de modelos literários estrangeiros, parece-me permitir soluções bastante sólidas, período por período, autor por autor. O romantismo em Portugal, submetido à «épreuve de l'étranger», para utilizar uma expressão paradigmática de Antoine Berman¹, e a uma recepção que tenha «au point de départ une oeuvre, une personnalité», como propõe Yves Chevrel², passa então a ser visto como parte dum todo universal que o condiciona e explica. Mais: que o singulariza.

Ora, o método comparativista encontra-se ainda entre nós num estado embrionário. À parte os trabalhos pioneiros de Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Jorge de Sena e David Mourão-Ferreira, pouco ou nada se tem feito.

Quanto, especificamente, ao romantismo, deverá sobretudo pôr-se em relevo a tese básica de José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal*, cuja óptica é, no entanto, como o subtítulo indica, essencialmente de «estudo de factos socioculturais» e não de aplicação de princípios teóricos sistematicamente comparativistas.

Partamos de José-Augusto França para esta breve reflexão introdutória, referindo a «curva sinusoidal» que o autor nos propõe: ela assinala o percurso de três gerações românticas, entre a de 1820-30, a de 1840-50 e a Geração de 70, “curva sinusoidal” cujo sentido é «primeiramente ascendente, para acabar numa queda lenta que durou muito tempo»³.

Ao longo desse percurso sinuoso, notemos momentos de *continuidade* e momentos de *ruptura*, fazendo parte de um todo orgânico em que a *fixação*, em termos comparativistas, dos grandes modelos literários do romantismo europeu, só se processa plenamente com a Geração de 70.

* Texto remodelado, publicado inicialmente in *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano v, n.º 168, 24 a 30 de Setembro de 1985.

¹ Antoine Berman, *L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, Paris, Gallimard, 1984.

² Yves Chevrel, «De l'influence à la réception critique», in *La recherche en littérature générale et comparée en France*, Paris, S.F.L.G.C., 1983, p. 102.

³ José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal*. Estudo de factos socioculturais (ed. em 3 vols.), Lisboa, Livros Horizonte, 1975-77, vol. III, p. 1355.

1. Garrett e Herculano, ou o nacionalismo liberal

Começemos por notar que, contrariamente a períodos, mais ou menos longos, daquilo a que poderá chamar-se *pré-romantismo* noutros países europeus (sobretudo em Inglaterra, desde Shaftesbury a Thomson, Young, Gray, Macpherson-Ossian, Blake e, em França, desde Madame du Deffand, Rousseau, Diderot, Letourneur e Senancour), em Portugal os pré-românticos não tomam nunca nenhuma atitude de ruptura estética. Muito se poderá dizer, por exemplo, da recepção de um Young por Bocage, da sua transfiguração alegórica via Camões. Mas o caso mais significativo é o da recepção de Rousseau: modelo ideológico e não modelo literário, até Garrett pelo menos, em nada esse romance da vanguarda romântica europeia que foi *La Nouvelle Héloïse* (1761) marcou as origens do romantismo em Portugal. Periódicos desta época, desde a *Gazeta Literária* (1761-62) ao *Jornal de Coimbra* (1812-20), passando pelo *Jornal Enciclopédico* (1779-93) e por periódicos publicados em Londres pelos liberais portugueses, como o *Correio Brasiliense*, ou *Armazém Literário* (1808-22) e *O Investigador Português* em Inglaterra (1811-19), confundem Rousseau com Voltaire (aliás citado mais frequentemente), na mesma vaga ideológica das Luzes e divulgam de preferência o pré-romantismo pastoril de Gessner, mais adaptável, obviamente, ao arcadismo português. Assimilado a Horácio, Gessner faz as delícias da «Madame de Staël portuguesa», a Marquesa de Alorna, e servirá de modelo a Castilho.

Assim, o nosso romantismo literário nasce deformado, quer pelo peso da herança clássica, quer pelas imposições duma ideologia liberal predominantemente nacionalista. São esse dois factores que temos de ter em conta quando analisamos a obra dos nossos dois primeiros grandes românticos, Garrett e Herculano, comparados com outros românticos europeus.

Garrett, desde *Camões* (1825) e *D. Branca* (1826), fundamenta o compromisso entre o classicismo e o romantismo a partir desse nacionalismo de raiz liberal. Se em *Viagens na Minha Terra* (1846) e sobretudo *Folhas Caídas* (1853) arrisca um lirismo mais radicalmente romântico, através da própria ironia, mantém, no entanto, a tradição clássica portuguesa acima dos modelos românticos europeus. Sobretudo no que diz respeito aos «figurinos franceses», criticando indiferentemente (o que é, convenhamos, uma grande falta de sentido crítico) Alexandre Dumas, Eugène Sue e Victor Hugo nas *Viagens na Minha Terra*, onde também exclama: «Romântico, Deus me livre de o ser!»⁴ Para não falarmos da maneira como Garrett condena o romantismo «do Norte», o de origem mais ou menos metafísica, predominantemente alemão⁵.

Com Herculano, o nacionalismo liberal sistematiza-se, codifica-se literariamente. Lembremos o que Herculano proclama, em 1835, na revista *Repositório Literário*: «Diremos somente que somos românticos, querendo que os portugueses voltem a uma literatura sua [...]. Que amem a Pátria mesmo em poesia.» E Herculano acrescenta que repudia aquele romantismo que faz «amar a irreligião, a imoralidade e quanto há de negro e abjecto no coração humano», aproveitando para condenar Byron⁶. Walter Scott, em contraste com Byron, surge assim, através de Herculano, simultaneamente, como modelo supremo de virtudes nacionais e de virtudes estéticas.

⁴ Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Lisboa, Ed. Livraria Sá da Costa, 1954, pp. 38 e 64.

⁵ Cf. Prefácio à *Lírica de João Minimo*, in *Lírica Completa*, Almeida Garrett, Lisboa, Arcádia, 1971, pp. 14-15.

⁶ In *Repositório Literário*, n.º 11, de 15 de Março de 1835, pp. 87-8. Cf. Alexandre Herculano, *Opúsculos IX*, t. 1, 2.ª ed., Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1907, pp. 23-72.

Todavia, se, por um lado, Herculano submete o fenómeno estético do romantismo ao código ideológico do nacionalismo liberal, baseado na ideia duma regeneração sempre paralela à ideia de decadência, por outro lado, devemos-lhe o interesse pelo romantismo europeu como fenómeno cultural no sentido mais lato do termo, amplamente divulgado na revista que dirige, *O Panorama*, desde 1837. Assim, contrariamente a Garrett, Herculano sempre se mostrou fascinado pela cultura estrangeira do século XIX em geral, a começar pela filosofia e pela literatura germânicas, isto apesar das suas limitações, sobretudo a de confundir estética com ética. Ele foi, portanto, do ponto de vista da recepção do romantismo europeu em geral e do alemão em particular, o elemento de ligação essencial com a Geração de 70, sobretudo com Antero, que muito lhe deve como poeta.

2. Castilho e Camilo, ou o «casticismo»

Em 1841, n' *O Panorama*, Castilho escreve um artigo de fundo em que exalta tudo o que é «português no contar, no aconselhar, no trabalhar [...] e até, quanto possível, no estilo e dizer», proclamando a imperiosa necessidade de se manter uma linguagem portuguesa «sempre limpa e castiça»⁷. Eis um puritanismo vernacular que, a níveis obviamente diversos, caracterizou quer a fugaz tentativa de poesia romântica de Castilho quer o imaginário romântico da novelística camiliana.

Castilho, tendo começado a publicar poemas arcádicos no *Jornal de Coimbra*, em 1816, é fascinado pelo pré-romântico suíço Gessner, que descobre por volta de 1821, quando publica a primeira parte das *Cartas de Eco a Narciso*. A sua experiência dum romantismo meramente decorativo (*décor* romântico medievalista) foi breve, exprimindo-se, em 1836, quer pela tradução de *Paroles d'un croyant* de Lamennais, quer pela publicação de *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo*. Lamennais é, aliás, adaptado ao discurso neoclássico de Castilho e, juntamente com outros modelos europeus (Lamartine sobretudo, mas também alguns românticos alemães, incluindo Heine), serve de transição para a fase dita «ultra-romântica» dos poetas de *O Trovador*, *O Novo Trovador*, *O Bardo* e *A Grinalda*, em Coimbra e no Porto, por volta de 1850. A mitologia poética provincial sucede, assim, ao puritanismo vernacular de Castilho.

Quanto a Camilo e ao romance da segunda geração romântica, pode dizer-se, generalizando inevitavelmente, que a recepção dos grandes modelos europeus, como, por exemplo, Balzac, é submetida ao código vernacular, ao casticismo enfático. A diferença que Camilo estabelece entre *linguagem* e *estilo* é, a este propósito, bem significativa: «Há aí uma coisa a que se chama *estilo*, que não é bem o que nossos avós chamavam *linguagem*. [...] *linguagem* era linguagem portuguesa, correcta, castigada, castiça [...]; o *estilo* é uma ideia francesa [...]»⁸. Daqui derivam, penso, as limitações de Camilo relativamente à recepção da ironia romântica europeia, frequentemente reduzida à arte do primitivo sarcasmo, da chalaça, por ele próprio defendida: «o estreme espírito português, por mais que o afinem e agucem, é sempre rombo e lerdo: não se emancipa da

⁷ António Feliciano de Castilho, «Introdução», in *O Panorama*, n.º 192, vol. V, 2 de Janeiro de 1841, pp. 1-2.

⁸ Camilo Castelo Branco, *Esboços de Apreciações Literárias*, 5.ª ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1969, pp. 73-A.